

O PROJETO AGENTE AMBIENTAL MIRIM: PENSANDO CLASSE E MEIO AMBIENTE ATRAVÉS DO ESTUDO DA ÁGUA

Nágila de Moura Brandão¹

Resumo: O presente trabalho é um relato de experiência de um projeto de Educação Ambiental chamado Agente Ambiental Mirim, que se desenvolve no quartel da 2ª Companhia de Polícia Ambiental no município de Rondonópolis, sul do Estado de Mato Grosso. A experiência em si, diz respeito ao ano de 2013, quando o tema gerador “água” foi tratado de forma complexa, sob vários enfoques, objetivando que os alunos tivessem uma visão crítica deste bem natural que segue sendo privatizado e poluído, com resultados catastróficos às classes subalternas. As estratégias de ensino deram-se no sentido de partir da filmografia, atravessar espaços onde a água é o centro do trabalho, passando pelas próprias casas dos alunos (com as contas de água e a conversa sobre o orçamento das famílias) até ações práticas de conscientização da comunidade onde os alunos moravam. O intuito do trabalho foi estudar o problema ambiental da água sob a origem das causas, e não dos efeitos, fugindo de uma educação ambiental comportamentalista e ideológica que impõe ao aluno um pensar em que ele próprio é responsável pelos atuais problemas ambientais.

Palavras-chave: Educação Ambiental. Tema Gerador. Polícia Militar Ambiental.

1. Introdução

O projeto de Educação Ambiental Agente Ambiental Mirim (AAM) existe no interior da Polícia Militar de Proteção Ambiental do Estado de Mato Grosso há quatorze anos. O projeto é de educação ambiental não-formal que abarca alunos crianças e adolescentes e é desenvolvido por policiais ambientais que também são educadores ambientais. Rondonópolis² é uma cidade no sul do Estado de Mato Grosso e possui cerca de 215 mil habitantes e vive, economicamente, das atividades agropecuária e indústria de beneficiamento dos primeiros.

¹ Capitã da Polícia Militar do Estado de Mato Grosso, Mestra em Educação pela UFMT e doutoranda em Educação pela UNISINOS.

² Para mais informações a respeito da cidade veja-se <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=510760&search=mato-grosso|rondonopolis>. Acesso em 15 de setembro de 2015.

Os alunos eram residentes de bairros pobres da periferia de Rondonópolis, todos estudantes de escolas públicas, tanto municipais, quanto estaduais. Os alunos frequentavam ao projeto nos horários contrários do horário das aulas regulares nas escolas. As aulas davam-se no interior do quartel de Proteção Ambiental.

No projeto havia três policiais ambientais que realizavam os trabalhos de Educação Ambiental: Gilberto Nascimento, Biólogo; Valdivino Rocha, Biólogo; e eu. Em 2013 decidimos dividir as aulas em grades temas, que poderíamos chamar de temas geradores, cada educador ambiental ficou responsável por conduzir um dos temas, sendo a água o tema que ficou sob minha responsabilidade.

2. A água: um tema gerador

Com base em Freire (1983) consideramos que a educação conteudista, bancária é a educação do opressor que pretende manter o oprimido num espaço subalterno, culpando-se pela própria desgraça e contentando-se com o lugar que ocupa. Com base nesse princípio buscamos trabalhar o tema da água utilizando vários subsídios, desde uma produção filmográfica, passando por visitas técnicas até ações de conscientização no bairro, finalizando com uma gincana ambiental.

Várias observações podem ser utilizadas para explicar nosso contexto antes de apresentarmos a experiência com o tema gerador água trabalhado no projeto AAM. Um dos detalhes a ser enfatizado é que nenhum dos educadores ambientais possuía experiência como professor de escolas regulares, sendo todos educadores populares cujas formações acadêmicas deram-se em contextos distintos e alheios à educação ambiental (EA). Assim sendo, tornamos, os três, educadores ambientais por sermos policiais militares especializados em proteção ambiental. Nossas práticas pedagógicas em EA saíram de nossas experiências enquanto sujeitos cujos trabalhos perpassam a questão ambiental em seu âmbito de problema, no campo dos crimes e infrações. A ausência de uma formação específica em EA, porém, não nos diminui enquanto educadores, nossa base, além do próprio trabalho, foi fruto de várias pesquisas para tornar a prática educativa carregada de significados teóricos que visam dirimir a ideologia presente no tratamento do campo ambiental, conscientes de nossas responsabilidades enquanto educadores (FREIRE, 2014).

A primeira etapa do trabalho foi a apresentação de um filme, *Rango*³. O filme em questão é riquíssimo em vários de seus componentes, porém, nos atentamos a discuti-lo com os alunos do ponto de vista da geopolítica e do poder⁴ ligados ao domínio da água. No enredo do filme, uma das personagens, o prefeito, privatiza e rouba a água da cidade e os cidadãos entram em desespero, pois não têm mais como sobreviver naquele local árido, sem água. Com o intuito de receber ajuda de alguma entidade supra-humana, o prefeito inicia uma espécie de ritualística em que os moradores da cidade uniam-se ao meio dia, clamando por água, sendo que o prefeito também era o responsável pela condução do ritual espiritual. Após o filme, foi realizada sua discussão sob estas óticas: se a água deve ser um bem privatizável, se o domínio da água é que dava o domínio da cidade ao prefeito, que foi importante os moradores da cidade se unirem em torno de um objetivo comum como encontrar quem havia lhes roubado a água. Os alunos demonstraram bastante interesse no filme, que sob o ponto de vista do entretenimento também é muito chamativo a sua atenção.

A segunda etapa do tratamento do tema foi uma visita técnica em uma indústria de água mineral. A indústria em questão é em outro município, Dom Aquino, e constitui-se em um local com sua natureza bastante preservada, suas árvores nativas todas intactas e a fauna local bastante exuberante. A fonte onde é retirada a água possui um pequeno rio e um estrada longa e sinuosa feita de paralelepípedos de pedra, tudo muito bonito, que a empresa mantém para receber os visitantes. Nós fizemos a visita à fonte e em seguida a indústria propriamente dita, onde é realizado o envase da água. A indústria disponibilizou um funcionário para falar conosco acerca da água e da política ambiental da empresa (que possui uma reserva florestal, cobertura vegetal nativa de cerrado, muito maior do que a legislação brasileira determina, com o intuito de manter a fonte de água mais preservada). A indústria de água em questão é premiada fora do Brasil pela qualidade de sua água, sendo que uma garrafa pet de água sem gás de quinhentos mililitros, no período da visita (maio de 2013) custava no comércio das redondezas em média dois reais. Após a visita, discutimos sobre a beleza, os cheiros, o clima (bem mais fresco) e os sons do local. Sendo que a maioria dos alunos atribuiu todas essas características positivas do local ao adequado uso dos recursos naturais e à preservação que mostrou-se como mote da empresa. Também foi problematizado o intuito da preservação e as vantagens financeiras que a empresa conseguia através de manter a vegetação intacta, que iria

³ Apresentar o filme em suas referências de produção. O filme conta a história de um lagarto que une-se aos moradores da cidade para recuperar a água que desaparece.

⁴ Com alunos mais velhos poder-se-ia trabalhar também, com o mesmo aspecto, o documentário “Milton Santos:

contribuir para a renovação da própria fonte de água, que, por consequência, poderia ser explorada por um tempo ainda maior.

Em um terceiro momento da reflexão sobre a água realizamos um estudo com uma matéria de revista especializada e meio ambiente, denominada Com ciência ambiental. A matéria tinha o título “Desafios de Gestão hídrica no Brasil”, escrita por Efraim Neto (NETO, 2011). O texto dá bastante ênfase ao saneamento básico, no que tange à distribuição de água tratada e de tratamento de esgoto no Brasil. A matéria apresenta as diversas realidades nacionais com os números do Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (IBGE). Apesar da riqueza do material, no que tange a apresentação crítica dessas realidades, nem todos os alunos conseguiram trabalhar adequadamente o texto em virtude de dificuldades com a leitura. Este foi único material escrito que trabalhamos o tema água.

O quarto passo do trabalho foi uma visita técnica à Estação de Tratamento de Água (ETA) da empresa de saneamento de Rondonópolis (Sanear). A visita foi acompanhada por dois engenheiros responsáveis pela ETA, que demonstraram os detalhes da estrutura física e seus respectivos funcionamentos. O motivo de a ETA encontrar-se na parte mais alta do rio (para evitar o despejo de esgotos clandestinos que poderiam corromper a qualidade da água, bem como a gravidade que auxiliava a distribuição da água); quais as atitudes tomadas pela empresa quando o nível do rio baixava muito; e a necessidade de a empresa manter várias subestações em vários pontos da cidade. Os alunos problematizaram a coloração e o cheiro da água que era distribuída na cidade, em contraponto com a água engarrafada pela empresa em Dom Aquino, sendo que, a maioria não sabia de onde vinha a água que chegava às torneiras de casa.

O quinto passo foi uma visita à Estação de Tratamento de Esgoto (ETE) da cidade de Rondonópolis, que é administrada pela mesma empresa, Sanear. A visita foi acompanhada pelos mesmos dois engenheiros que nos conduziram pela ETA. Logo da descida do ônibus a maioria dos alunos começaram a reclamar e tampar os rostos com as camisetas reclamando do mal cheiro, muito forte, que exalava das lagoas de tratamento. O mal-estar entre eles foi tamanho que eles dispersaram-se pelo espaço tentando fugir do cheiro. Após “acostumarem-se” com o cheiro, eles reagruparam-se, e os engenheiros puderam iniciar a explicação: como dá-se o tratamento (quais os processos que o esgoto passa até que possa ser devolvido ao rio Vermelho (mesmo rio onde é feita a captação de água da ETA)); qual a porcentagem de esgoto tratado de Rondonópolis (cerca de 30%, a época era a média brasileira); e que alguns tipos de materiais, como a gordura, não eram retirados pelo tratamento de esgoto. Ao final da visita foram feitas problematizações acerca de o mesmo rio ser usado para a “água de beber” e

também recebia o esgoto, para a maioria dos alunos pareceu algo inconcebível. Levantamos também a problematização da porcentagem, pois, se 30% do esgoto da cidade tinha o cheiro e o aspecto insuportável para eles, quiçá os outros 70% que eram despejados *in natura*, e que de uma forma ou outra, chegava ao rio Vermelho.

Bibliografia

O método para uma Educação Ambiental Transformadora difere da simples adoção de algumas metodologias, muitas vezes oriundas de uma concepção fragmentada e reducionista de mundo que não reflete a ordem como as coisas existem e interagem na natureza e na sociedade por meio de ligações e relações (DAMO et al. p.4)

Partindo de Marx e Engels, nosso referencial teórico, afirmamos que as idéias dominantes numa determinada época de uma sociedade, são as idéias da classe dominante. Essa, utiliza-se da ideologia para manter-se no poder, no domínio, no controle social. Dessa forma, numa sociedade dividida em classes, a Educação se desenvolve de acordo com os interesses da classe dominante e, assim, aprendemos apenas aquilo que nos é permitido conhecer, isto é, o superficial, para que não façamos a revolução e, assim, permaneça tudo como está. Embora esta seja a regra que move a sociedade de classes no que se refere à Educação, há sempre movimentos revolucionários, propostas de Educação progressista, a favor da classe trabalhadora. Desta forma, é que afirmamos que a Educação é um ato político, pois ou está a favor de uma Educação para o desenvolvimento humano ou para o desenvolvimento do capita (DAMO et al. p.2)

Confiemos nesses fundamentos como a teoria necessária à consciência dos seres humanos para que sejam inevitáveis as práticas transformadoras. Se nos lançarmos à prática sem que se tenha desenvolvido em nós uma consciência crítica sobre a realidade, correremos o sério risco de resultarmos em ativismos infrutíferos. Da mesma forma, seremos acusados com justiça de verbalismo se, munidos de um arsenal teórico libertador, nos acomodamos e não concretizamos a prática transformadora que é necessariamente o processo imediato do conhecimento teórico libertador. Uma Educação Ambiental como um conjunto teórico-prático para a transformação pressupõe a adoção de um método infalível que nos possibilite compreender as causas para a crise socioambiental que estamos vivendo no atual estágio de desenvolvimento da humanidade. Isso implica romper com representações sobre os processos, fenômenos, objetos da realidade que muitas vezes nos conduzem à ineficácia e ao erro(DAMO et al. p.4)

REFERÊNCIAS

DAMO, Andreisa. SIMÕES, Christian da Silva. MOURA, Danieli Veleda. MINASI, Luís Fernando. CRUZ, Ricardo Gauterio. Paulo Freire, um educador ambiental: apontamentos críticos sobre a educação ambiental a partir do pensamento freireano. **Revista Desarrollo Local Sostenible**. Grupo Eumed.net y Red Académica Iberoamericana Local Global Vol 5. Nº 13

DICKMANN , Ivo. CARNEIRO, Sônia Maria Marchiorato. Paulo Freire e Educação ambiental: contribuições a partir da obra Pedagogia da Autonomia. In: **Revista Educação Pública**. Cuiabá, v. 21, n. 45, p. 87-102, jan./abr. 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 49. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 12. ed. Rio de Janeiro: **Paz e Terra**, 1983.

NETO, Efraim. Desafios de Gestão hídrica no Brasil. In: **Com ciência ambiental: dialogando para um mundo melhor**. São Paulo: ano 6, nº 35, 2011.